

ESCOLA PARALELA VERSUS ESCOLA FORMAL: UMA QUERELA ULTRAPASSÁVEL?

J. ESPÍRITO SANTO *

0 - Ao colocar a frase/tema destas jornadas no tipo interrogativo, pretenderiam certamente os seus organizadores, suscitar da parte dos participantes uma maior e mais rápida adesão, e, provavelmente respostas mais directas e incisivas.

Pela minha parte e em relação à referida questão, respondo já na forma afirmativa, dado que perfilho, nesta matéria, um ponto de vista com filiação na Antropologia Cultural, segundo o qual a cultura é uma herança não biológica, por isso eminentemente social, transmissível e ensinável; o que não é incompatível com a aceitação de que o homem, em cada geração, para além de reprodutor, é também produtor e criador de cultura.

Se dúvidas subsistissem quanto à transmissibilidade e à natureza ensinável da cultura, bastaria atentar na situação dramática das chamadas "crianças selvagens", não sujeitas em tempo útil a qualquer processo de endoculturação, e, que por esse motivo, não acederam ao estatuto de pessoa.

Projectando-se em cada indivíduo, a cultura molda-o e determina a maior parte dos seus sistemas de conduta, exercendo a educação neste processo um papel fundamental, porque é através da sua acção que o indivíduo participa do seu património cultural.

Se a educação não é redutível às relações escolares (porque todas as relações humanas revestem um cunho marcadamente pedagógico), não se poderá, contudo, ignorar a importante função exercida pela escola, que durante muito tempo constituiu o mais poderoso meio de transmissão e difusão da cultura, embora não fosse o único.

1 - Mas sobre a instituição escolar têm vindo a crescer o número e o tom das críticas, pondo em causa a sua credibilidade. Estas críticas não são só de agora, basta proceder a um breve bosquejo histórico para se verificar que, no Ocidente, desde há muito que a educação escolar suscita reparos.

Séneca notando, no período do Império Romano, a existência de uma clivagem entre a escola e a vida activa foi levado a censurar "um ensino que prepara(va) não homens para a vida mas sómente alunos para a escola" (1).

* Docente da ESE de Beja

Se avançarmos no tempo, é possível surpreender este tipo de críticas, no período compreendido entre o Renascimento e o século XVIII, em eminentes pensadores, desde Vittorino da Feltre a J.J. Rousseau, passando por outras figuras importantes como Erasmo de Roterdão, F. Rabelais, M. Montaigne, J.A. Comênio, F. Fénelon (2).

Mas é a partir dos finais do século XVIII, época em que se dá a emergência do fenómeno a que Habermas designa por "estruturação da opinião pública", que se assiste a um crescendo do tom crítico relativamente à instituição escolar, não obstante estar-se em pleno período da edificação, do que se poderá designar por "ideologia escolar", isto é, da construção de uma representação da escola enquanto "espaço privilegiado de transformação colectiva e de promoção individual" (3).

Houve neste período uma plêiade de educadores onde se inscrevem, entre outros, nomes como os de J.A. Pestalozzi, E. Froebel, M. Montessori, que ao longo das suas obras e das suas práticas educativas, condenaram implícita ou explicitamente a escola do seu tempo. Mas nenhum deles ousaria colocar globalmente em causa a instituição escolar.

Só no nosso século, sobretudo a partir dos anos setenta, com o aumento exponencial dos meios e dos mecanismos de comunicação, é que a ideia do declínio e da falência da instituição escolar se generalizou, e tem sido o "caldo de cultura" de consagrados "profetas catastrofistas", à esquerda e à direita, desde Illich a Alan Bloom, tornando-se provavelmente num dos estereótipos sociais, mais enraizados na opinião pública.

Muitos dos profissionais de educação (não é ousado afirmar) interiorizaram já este tipo de representações, e não é sem angústia, que assistem a uma crescente perda de identidade social e profissional da docência, no momento em que, paradoxalmente, por todo o lado o sistema formal de ensino tem tendência a expandir-se, num processo que já foi designado por "pedagogização da sociedade" (4)

2 - Neste quadro, não espanta, que o aparecimento de um livro como o de Christian Baudelot e Roger Establet: "Le Niveau Monte" (5), tenha produzido em certos meios pedagógicos, a recuperação de alguma confiança perdida, e até um certo júbilo. Porquê? Porque o aparecimento deste livro vem recolocar a questão da tão propalada crise do sistema escolar formal, apontando, contrariamente à convicção da maioria dos professores, para uma subida, ao longo dos últimos vinte anos, dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, nomeadamente em História, Ciências da Natureza e Geografia; muito embora o mesmo não aconteça no tocante ao domínio da língua materna (no caso vertente o Francês), em relação às capacidades de expressão e argumentação.

Analisando de perto estes resultados, não parece lícito aceitar-se a reivindicação de que se deverão exclusivamente à acção de escola, porque segundo revela o estudo, a haver uma subida, tal só se verifica em determinadas áreas do conhecimento, que pela sua natureza, torna legítimo admitir-se, que outros circuitos culturais, para além da escola, têm, como hoje é perfeitamente reconhecido, dado um contributo importante na difusão dos saberes, concorrendo com ela, ao ponto de condicionarem muito do que se passa no seu interior. Atente-se, a este respeito, no peso actual dos "mass-media" e das novas tecnologias

da comunicação, que constituem na sociedade actual uma autêntica "escola paralela", na feliz expressão de Louis Porcher (6).

Não parece, por isso, haver lugar para excessivo optimismo, quando se constata através destes resultados, que a escola tem falhado num domínio, por enquanto, pouco partilhável, com outros círculos de formação, como é o caso da comunicação escrita funcional, ou seja, a capacidade dos indivíduos comunicarem por escrito, de acordo com os seus interesses e necessidades.

3 - De resto, estes resultados parecem confirmar algumas asserções, feitas nos últimos anos a respeito dos meios de comunicação de massas, e das novas tecnologias da comunicação, que não obstante as suas virtualidades, em termos de transmissão de informação, são vistos, como factores de empobrecimento da capacidade crítica e reflexiva.

Convém recordar, que estes aspectos são genericamente imputáveis, ao próprio processo de comunicação de massas, que coloca o sujeito receptor, na situação de receber um maior volume de informações, a um ritmo cada vez mais acelerado, tornando difícil a assimilação crítica e racionalizada da mensagem mediática.

Por outro lado, a utilização dos "mass-media", impossibilita por razões estritas do processo de comunicação, que o receptor troque mensagens com o emissor, o que reduz o campo comunicacional e as relações interpessoais, porque como afirma Richard Sennet: "Não podemos de maneira nenhuma responder à nossa televisão, resta-nos quanto muito fechá-la". (7)

Neste quadro, coloca-se com particular acuidade o problema de repensar a instituição escolar, face às novas exigências psicossociológicas, técnicas e científicas, levantadas pela expansão da cultura de massas.

De facto, torna-se hoje impossível deixar de reconhecer a importância dos "mass-media" na divulgação dos saberes, mas isso, não implica que se ignorem alguns dos seus inconvenientes, já anteriormente referidos, que desmentem as posições de um certo "messianismo mediático", na afirmação da inutilidade da existência da instituição escolar.

Ao contrário mesmo do que essas posições veiculam, na sociedade da comunicação em que vivemos, com a diversificação crescente dos media (com o aparecimento sucessivo da televisão, do vídeo, do computador, da telemática), o papel da escola apresenta uma importância acrescida e uma pertinência sem precedentes, ao permitir se integrar os media como objecto de estudo, que o seu acesso seja socializado, e o seu aproveitamento possa vir a estar ao alcance de todos.

Por outro lado e face às inúmeras acusações dirigidas aos media, a escola poderá ter um papel corrector e potenciador aos seguintes níveis:

- Enquanto lugar de reforço das relações interpessoais, cuja importância, nunca será de mais realçar, sabendo-se (como demonstram os psicólogos cognitivistas) do seu impacto no desenvolvimento do pensamento divergente e da criatividade; e, como notam os

psicanalistas, do seu relevante contributo na construção da identidade autónoma, contrapondo-se aos modelos de identificação estandardizados que os média propõem.

Enquanto lugar de transmissão, assimilação e produção de conhecimentos especializados "que dificilmente se integram numa indústria cultural, sujeita às leis do mercado e do consumo" (8).

- Enquanto lugar de desmassificação, ao preparar os alunos, através de actividades curriculares específicas, que urge criar, para o domínio da mensagem e da linguagem mediáticas, sob o ponto de vista técnico, estético e ideológico.

Em síntese, o sistema escolar tradicional tem hoje um poderoso concorrente, nos meios de comunicação de massas, e nas novas tecnologias da comunicação, cujo desenvolvimento põe à escola formal uma situação problemática, traduzida nos seguintes termos:

- Ignora o desafio, tornando-se cada vez menos credível, porque já não é possível escamotear a sua dificuldade em rivalizar, no plano da transmissão cultural, com os "mass-media".

- Ou então aceita o desafio, e revaloriza o seu papel, fazendo, sobretudo a pedagogia dos média, de modo a preparar o indivíduo para uma aproximação crítica e criativa à cultura tecnológica de massas.

Daí que em relação à questão enunciada no título desta comunicação, as reflexões aqui formuladas de forma mais ou menos avulsa, contenham menos respostas do que interrogações. Espera-se que, pelo menos, estas interrogações tenham alguma pertinência, porque como alguém disse: "A pergunta é metade do conhecimento. A outra metade, é a resposta".

NOTAS:

(1) "*Lettres à Lucilius*", B.L., Paris, 1959, Epist., CVI, 12, citado por Monarca Pinheiro no artigo "*A Escola e a Comunidade*", in *J.E.*, Lisboa, Ano X, nº 97, Março, 1987, p. 18.

(2) Id. Ibid. p. 18

(3) NÓVOA, A. "*Profissão: Professor. Reflexões Históricas e Sociológicas*". In *Rev. Análise Psicológica*, Lisboa, 1-2-3 (VII), Janeiro, 1989, p. 447.

(4) Id. Ibid. p. 18

(5) BAUDELLOT, CH; ESTABLET, R. - *Le Niveau Monte*, Paris, Seuil, 1989.

(6) PORCHER, L. - *A Escola Paralela*, Lisboa, Liv. Horizonte, 1977

(7) SENNET, R. - *Les Tyrannies de L'Intimité*, Paris, Seuil, 1979, p. 20.

(8) LANÇA, I.B. - "*Repensar a Escola, Hoje*", in *Correio Pedagógico*, Porto, nº 16, Março, 1988, p.3.